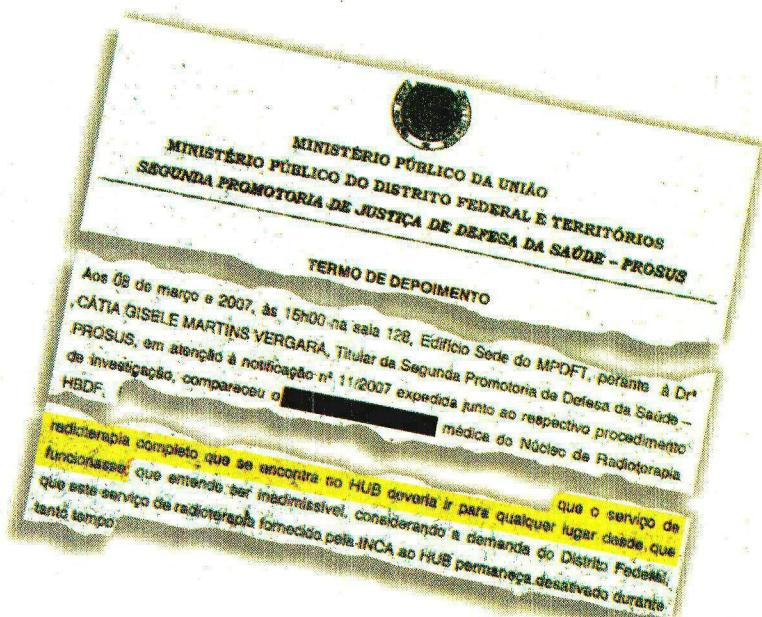
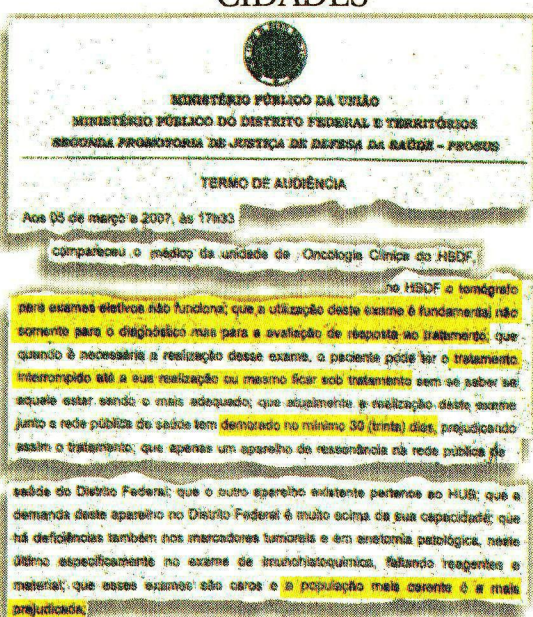
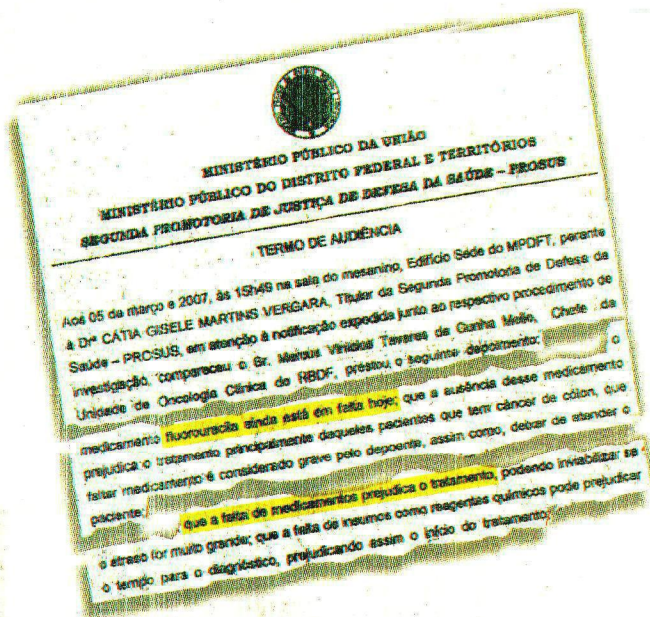




APARELHOS

ESTÃO QUEBRADOS NO HBDF E ENCAIXOTADOS NO HUB

ANA BEATRIZ MAGNO
DA EQUIPE DO CORREIO

Pior do que enfrentar um câncer é tratá-lo no Distrito Federal. Além dos ratos, das goteiras, dos aparelhos quebrados, da falta de medicamentos, das filas e das máquinas sobrecarregadas, os pacientes da rede pública sofrem com uma burocracia kafkiana. Há mais de 24 meses equipamentos idênticos aos que hoje estão quebrados no Hospital de Base aguardam encaixotados num galpão no Hospital Universitário da Universidade de Brasília, conforme o Correio vem denunciando em reportagens há mais de um mês.

"Tenho lutado desde 2002 para construção de uma nova unidade de câncer no DF, mas não faz o menor sentido isso ocorrer na UnB. A universidade fica na mesma região do Hospital de Base. Nossos pacientes moram muito longe do Plano Piloto", explicou Marcus Vinícius Tavares Cunha Melo, chefe da oncologia clínica do Hospital de Base, que na tarde de 5 de março prestou depoimento na 2ª Promotoria de Justiça de Defesa da Saúde, responsável pela investigação do tratamento oncológico no DF (leia trechos do depoimento no alto da página).

Marcus Vinícius acha que o melhor endereço para um novo centro oncológico no DF seria o Hospital Regional de Taguatinga, devido à grande concentração da população naquela área. "Mas se a UNB não quer mandar as máquinas para o HRT, que mande para qualquer outro lugar onde funcionem. Não há motivos para os equipamentos ficarem desativados no HUB. É muita crueldade com os pacientes", lamenta o médico.

O agricultor Virmondes Ferreira, 60 anos, conheceu a crueldade da burocracia do serviço de saúde na última sexta-feira. Ele, a mulher e a filha esperaram mais de três horas para serem atendidos na radioterapia do Hospital de Base. Quando conseguiram conversar com um médico, ouviram que mais uma vez o início do tratamento seria adiado. "É a terceira vez. Meu pai já não está agüentando em pé. Ele precisa começar", implora a filha, Cirleone Martins. "Já tem mais de um mês de sofrimento. Não consigo levantar sozinho e não paro de tossir. Eu quero ficar bom", emenda o agricultor.

Burocracia

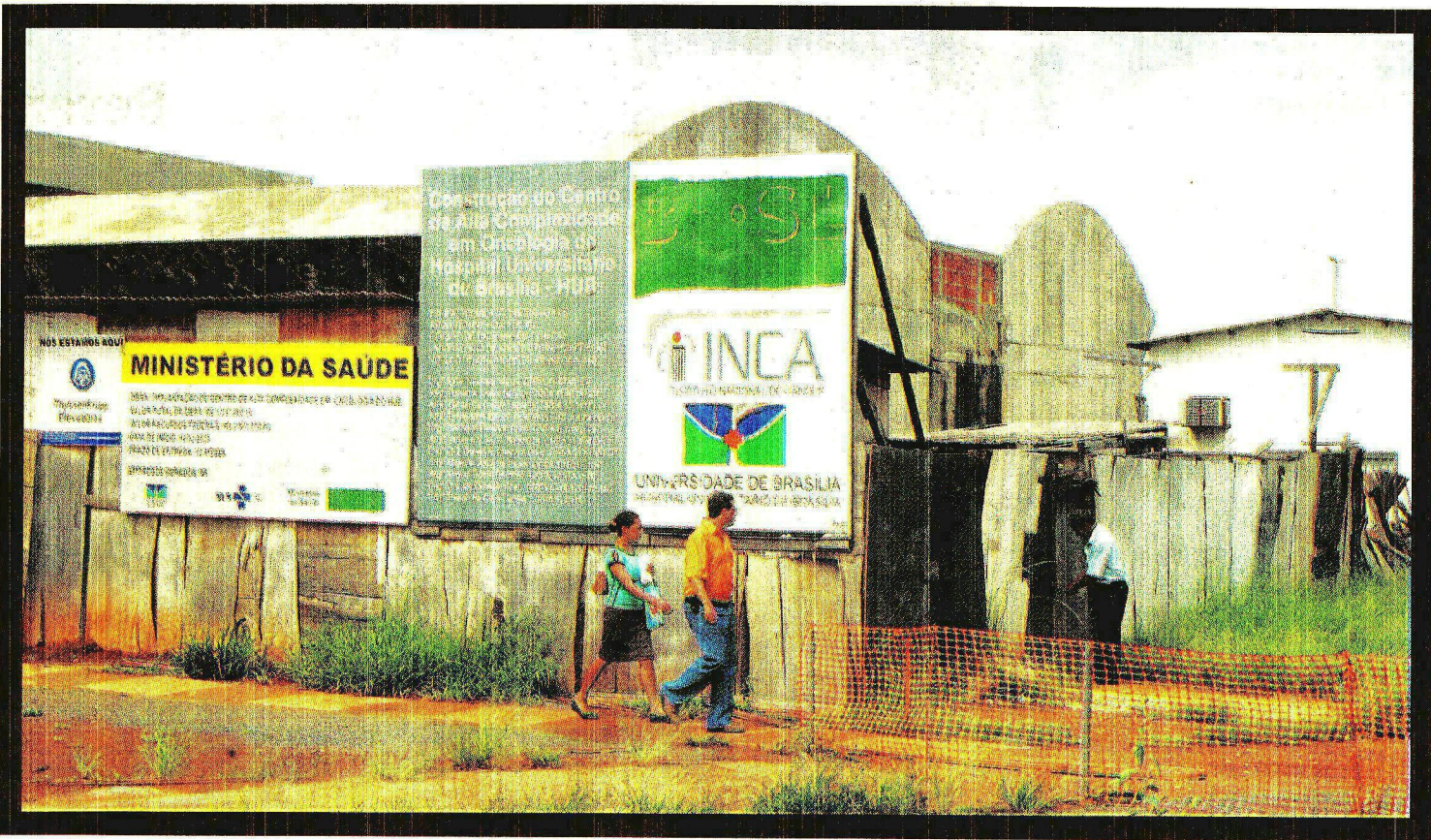
Além de sobrecarregados os aparelhos do Hospital de Base estão defasados tecnologicamente. Não há o chamado Sistema de Planejamento em Teleterapia em 3D, maquinário moderno que permite ao médico planejar com precisão o tratamento. "Nosso equipamento de braquiterapia, uma ferramenta importante para vencer o câncer de mama, também é muito velha e deixa a desejar. É terrível saber que o HUB tem tudo isso novinho e encaixotado durante tanto tempo", explica Ro-

José Varella/CB



RADIOTERAPIA DO HBDF: VIRMONDES MARTINS ESCUTA PELA TERCEIRA VEZ QUE O COMEÇO DE SEU TRATAMENTO SERÁ ADIADO. A MULHER E FILHA FICAM INDIGNADAS

Gustavo Moreno/Especial para o CB - 14/2/07



CANTEIRO DE OBRAS NO HUB: EQUIPAMENTOS DE COMBATE AO CÂNCER ESTÃO ENCAIXOTADOS NUM GALPÃO. CONSTRUÇÃO PARADA DESDE 2005

naldo Pereira, diretor geral do Hospital de Base. "Sei que é impossível nos enviar o acelerador linear porque é muito grande e sua instalação aqui dependeria de obras, mas os outros aparelhos são simples e nos ajudariam bastante."

As máquinas que estão no HUB foram doadas pelo Instituto Nacional do Câncer (INCA), custaram R\$ 2,6 milhões aos cofres públicos e jamais foram usadas. O acelerador linear custou R\$ 1,689 milhão e chegou à UnB em 30 de maio de

2005. Seria colocado no Centro de Alta Complexidade em Oncologia, planejado para ser o maior núcleo de radioterapia da região Centro-Oeste, com construção orçada em R\$ 2,5 milhões repassados pelo governo federal e inauguração prevista para o primeiro semestre 2005.

O governo federal cumpriu sua parte. Repassou as máquinas e o dinheiro dentro do cronograma. As obras, no entanto, estão paradas há quase dois anos. Primeiro, porque a em-

preiteira contratada para o serviço rescindiu o contrato, abandonou a construção na metade e embolsou R\$ 900 milhões. A UnB tentou terminar o trabalho por conta própria, mas não foi autorizada pelo Fundo Nacional de Saúde, responsável oficial pelo financiamento. Por fim, em junho do ano passado, a construção terminou embargada pela Secretaria de Fiscalização de Atividades Urbanas do DF, por invadir a área pública.

Há três semanas, o procura-

dor do Tribunal de Contas da União (TCU), Marinus Marsico pediu abertura de processo para investigar a obra e solicitou a imediata suspensão dos repasses de recursos públicos para a construção do CACON. A UnB quer mais R\$ 1,5 milhão para concluir o serviço e o Ministério da Saúde ainda está analisando as contas da universidade. O TCU ainda não julgou o pedido do procurador e o INCA não aceita a transferência para outra unidade do DF.

SERVIÇO

RAIO X DA RADIOTERAPIA

O que é radioterapia?

É um dos tipos mais tradicionais de tratamento contra o câncer, muito eficiente tanto para destruir tumores como para impedir que suas células aumentem. Seu uso depende do tipo e do estágio do câncer. Hoje metade dos pacientes oncológicos são tratados com radiações.

Como é realizada?

O paciente passa por sessões de radioterapia, onde recebe ondas de radiações, emitidas através de aparelhos especiais.

Dói?

As radiações não são vistas e durante a aplicação o paciente não sente nada, mas há vários possíveis efeitos colaterais posteriores.

Ela pode ser feita junto com a quimioterapia?

Sim. Os médicos podem indicá-la paralelamente à quimioterapia ou mesmo com outros tipos de tratamentos oncológicos, todos determinados pela equipe médica.

É eficiente?

O percentual de cura por meio da radioterapia é crescente. Para muitos pacientes, é uma técnica bastante eficaz, fazendo com que o tumor desapareça e a doença fique controlada, ou até mesmo curada.

E se não ocorrer a cura?

Mesmo que a cura não seja possível, vale a pena fazer a radioterapia porque ela melhora a qualidade de vida do paciente. Na maioria das vezes ela reduz o tamanho do tumor, o que alivia a pressão interna, reduz hemorragias e dores.

O tratamento demora?

O número de aplicações necessárias varia de acordo com o tamanho e a localização do tumor, dos resultados dos exames e do estado geral de saúde do paciente.

Como é a aplicação das radiações?

O paciente fica deitado sob o aparelho, que estará direcionado para a área definida pelo médico. É possível que sejam usados protetores de chumbo entre o aparelho e algumas partes do corpo, para proteger os tecidos e órgãos sadios.

E os efeitos colaterais?

Os efeitos colaterais dependem da dose do tratamento, do aparelho usado e da extensão da área radiada. Em geral, os primeiros incômodos aparecem depois da terceira semana de radioterapia e vão diminuindo depois de encerrado o tratamento.